LEONARDO BOFF

Teólogo e escritor

A violência terá fim?

Um dos problemas mais debatidos hoje é o da violência. Especialmente a mais perversa de todas levada avante pelo exército do Estado terrorista de Israel sob Benjamin Netanhyau. Presentemente os soldados se divertem cortando pernas e braços de crianças inocentes, num genocídio a céu aberto, vergonha para toda a humanidade que a tudo assiste sem fazer nada. Temem a vingança do verdadeiro Satã da Terra que é o presidente dos Estados Unidos Donald Trump,pois é ensandecido e insensível a dor do mundo, além de um criminoso pedófilo.

Surgiram ao longo da história muitas tentativas de compreender esse trágico fenômeno. Nenhuma delas deu-lhe uma resposta convincente, nem Tomás de Aquino, nem S.Freud, nem R.Girard, nem o cristianismo com sua doutrina do pecado original. Ninguém. E a violência está presente em tudo.

Acompamhem-me nesta reflexão.Nascemos no interior de uma inimaginavel violenta explosão, o Big Bang, supostamente ocorrida há 13,7 bilhões de anos. Seguiu-se logo algo absolutamente misterioso, o choque tremendo entre a matéria e a anti-matéria.Quase se aniquilaram mutuamente. Sobrou apenas,1seguido de 9 zeros de matéria. Desse mínimo do mínimo surgiu o imenso universo sobre nassas cabeças com bilhões de galáxias, trilhões de estrelas e outros inumeráveis corpos celestes.

Os cosmólogos e astrofísicos nos afirmam que a evolução existe em função de colocar ordem nesse caos violento primordial, fazendo surgir ordens cada vez mais complexas e entre elas a nossa,a mais alta, como seres humanos inteligentes, homens e mulheres. Imaginem uma galáxia com suas bilhões de estrelas engolindo outra galáxia:como seria seu estrondo?

O trágico disso tudo é que a violência continua no universo,dentro de cada estrela ou planeta e dentro de cada um de nós. Por isso somos chamados de dementes (demens) e simultaneamente de sapientes(sapiens).Ora predomina a dimensão demente. Creio que estamos dentro dela representada pela plataform AI Palantir,que abertamente assume um concepção negativa do ser humano como essencialmente violento e que deve ser controlado e limitado em sua liberdade. Ora predomina a porção sapiente que permite tempos de paz e prosperidade,desenvolvimento das vários saberes, do econômico e do social compartidos e todo o tipo de artes. Note-se, mesmo assim o lado demens está aí, embora sob controle da sapiens,pois sempre convivem.

No Brasil a violência das várias facções desafiam o Estado de Direito e das Leis, dominando com brutalidade e morte regiões inteiras de cidades como o Rio de Janeiro. Todos os candidatos proclam que vão exterminá-la mas não dizem por que meios. E o Estado e os órgãos de segurança sempre chegam atrasados

Seguramente a violência no Brasil possui muitas causas já analisadas com minúcia por muitos. A rigor nem deveríamos dizer que aqui ocorre violência. A violência é estrutural na formação de nossa sociedade. Fomos construidos sobre um fundamento de violência que foi o processo de dizimação de muitos povos originários. Violenta foi a colonização.Impuseram ao Brasil o modo de vida dos europeus, obrigaram-nos a falar a sua língua,imitar suas instituições a assumir a mesma religião cristã e submeter-se aos capitães-donatários.

Violentíssima foi a escravidão no Brasil, trazendo cerca de 4,9 milhões de pessoas africanas e aqui violentamente feitas escravas. No que aportavam na Bahia recebiam os primeiros três Ps: pão para não morrerem de fome, pau:uma violenta surra para logo aprenderem a se submeter e,por fim,o pano para encobrirem as vergonhas, pois normalmente viajavam nus nos navio negreiros.L.Gomes em seus três volumes Escravidão (2019ss) o mostrou.

Numa palavra, as vidas dos escravizados,foram transformadas em carvão para o processo produtivo, como costumava dizer o indignado e saudoso Darcy Ribeiro.

Violenta é a forma como o povo comumente vem tratado, especialmente pela elite do atraso, sempre considerado jeca-tatu, joão-ninguém, zé-povinho cuja relação primeira para com ele é o grito ou o cassetete. Bem constatou A.Chomsky:"Raramente vi um país onde a elite tem tanto desprezo pelos pobres como o Brasil".

Mas há uma violência que,na verdade é anti-violência, nascida de um sentimento: a revolta face à contradição existente entre as grandes maiorias que vivem numa miséria desoladora e as minorias que desfrutam de uma opulência indecente. Quem circula pelas imensas periferias de nossas cidades e depois chega ao centro ou aos bairros ditos nobres constata esta dilaceração, anterior a qualquer juizo ético ou político.

A primeira reação é: como podem estas populações viverem, por toda uma vida, em condições tão infra-humanas? Elas o merecem? Como podem crianças andarem por ai, semi-nuas, barrigudas, jovens com seus 15-17 anos empinando pipas ao céu, os nem-nem, homens de meia idade sentados nas pracinhas sem fazer absolutamente nada porque estão há muito tempo desempregados? O que mais dói é ver meninas de 12 e 13 anos abordando passantes: "tio, tio, vamos fazer amor? É só por 5 reais...eu sei fazer tudo o que o homem gosta". Às vezes é o único dinheiro que sustenta a família.

E por outro lado, como podem viver estes de boa vida, bem alimentados, bem agasalhados, bem estudados e bem munidos de contas nos bancos, como podem viver humana e eticamente no meio de tanta contradição?

Neste momento intuimos, entre indignação e desalento, que a desigualdade é pior que a pobreza. Ela é simplesmente inaceitável, por demasiadamente irracional. A razão é: Se estas classes aquinhoadas e o Estado atrás do qual elas se escondem, ao invés de gastarem mihões cada ano em segurança policial, em muros, em circuitos internos de tv, em seguranças privados, em carros blindados, em viagens para o exterior, os gastassem, em parte, em projetos de educação, saúde, professinalização, criação de centros comunitários, cooperativas de construção de casas, lugares de lazer e arte, teríamos equacionado em grande parte o problema social. E todos gozaríamos de paz, poderíamos andar à noite por ai, sem medo de sermos assaltados e até mortos.

Pensemos em termos globais. Se as potências militaristas à frente delas os EUA deixassem de gastar anualmente trilhões de dólares em armas de morte para as guerras que apoiam em Israel, na Ucrânia e no Irã resolvessem ter um mínimo de sentimento e ser um pouco mais racionais e investissem nos seres humanos então poderiam garantir comida, saúde, casa e trabalho a cada habitante deste planeta. Teríamos criado as pre-condições para uma paz duradoura entre todos os povos,o sonho de Kant.

Ocorre que mais e mais pessoas das comunidades periféricas empobrecidas despertam e não aceitam mais essa contradição. Passam à violência que é antiviolência, como forma de vindita e de solução individual para o problema social. Mantido o tipo de economia dominante, mesmo sob a administração do presidente Lula, com seu cuidado dos destituídos, ainda assim continua a violência porque sua causa não foi destruída. Há o risco da rebelião das massas das quais falava Ortega y Gasset ainda nos anos 40. Ela nos conduziria à barbárie que não poupará nossos filhos e netos e não a outro tipo de sociedade menos violenta porque mais igualitária.

Mas virá o tempo em que a justiça prevalecerá porque o que deve ser tem força e a causa é invencível.

MIRANDA JR.

CEO da Cuidare – rede especializada em cuidados de pessoas

O mercado de cuidadores e a invisibilidade profissional

Muito tem se falado sobre mercado, políticas públicas, economia prateada, atividade física, autonomia e longevidade. De fato, o envelhecimento populacional é um fator a se preocupar, mas isso traz consigo uma questão omitida, porém de suma importância para o mercado: onde está quem cuida de nós?

Após anos de experiência no mercado de cuidadores, uma das grandes contradições que percebo dentro do ramo é a falta de notoriedade desses profissionais. Segundo uma pesquisa de microdados realizada pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), no Portal Salário, a média salarial de um cuidador no Brasil está entre R$ 1.845,20; o que é considerado baixo em relação a outros países longevos como Alemanha e Japão.

Esse esquecimento não se trata apenas de uma questão financeira, mas também de uma questão cultural. Atualmente, a cultura do cuidador informal ainda persiste dentro das famílias brasileiras, isso favorece a concentração da responsabilidade sobre um único familiar, geralmente uma mulher. Muitas vezes, essa pessoa precisa conciliar o cuidado com o trabalho, as tarefas domésticas e a vida pessoal.

O Brasil continua envelhecendo, e esse serviço se mostra cada vez mais necessário para os familiares em todo o país. O modelo de assistência tradicional ainda é tratado como uma responsabilidade naturalmente atribuída à família, e a necessidade de formação e profissionalização acaba deixada em segundo plano. Isso não apenas limita o desenvolvimento de um mercado estruturado de cuidadores, como também pode colocar em risco a própria pessoa assistida.

A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), analisada em estudo publicado na revista Saúde Pública, aponta a predominância do cuidado informal entre idosos: 81,8% dos que recebiam assistência eram cuidados de forma não remunerada. Entre os mais de 23 mil entrevistados, 62% tinham familiares que residiam no mesmo domicílio como principais responsáveis, enquanto apenas 3,4% contavam com cuidadores contratados.

Com outras palavras, a imagem do cuidador profissional ainda é frequentemente associada a um valor emocional, enquanto sua dimensão técnica e sua importância para a saúde permanecem subvalorizadas.

Em 2024, a expectativa de vida do brasileiro chegou a 76,6 anos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para quem alcança os 60 anos, a expectativa é viver, em média, mais 22,6 anos. Nesse cenário, reconhecer e profissionalizar o cuidado não é apenas dar voz a uma categoria de trabalhadores, mas preparar o país para uma realidade demográfica que já está diante de nós.